

UNIVERSIDADE IGUAÇU
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

SERGIO CECCONI JUNIOR

EDUCAÇÃO:
Projetos Educacionais como Recurso Facilitador na Educação Escolar

SANTO ANDRÉ

2012

UNIVERSIDADE IGUAÇU
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

SERGIO CECCONI JÚNIOR

EDUCAÇÃO:

Projetos Educacionais como Recurso Facilitador na Educação Escolar

Monografia exigida pela conclusão do curso de Docência do Ensino Superior em Metodologia Científica da Universidade Iguazu sob a supervisão da Professora Glaucia Berton Dagostino

SANTO ANDRÉ

2012

SERGIO CECCONI JUNIOR

EDUCAÇÃO:

Projetos Educacionais como Recurso Facilitador na Educação Escolar

BANCA EXAMINADORA

Glaucia Berton Dagostino

Professor convidado
Marcus Tadeu Meneghelo

Professor suplente
Aidil Soares Navarro

Santo André, 30 de Julho de 2012.

Agradecimentos

Agradeço aos professores, colegas e familiares que muito me incentivaram durante este trabalho.

“Fiz uma opção de vida: só permanecer na planície se minhas asas não tiverem forças para arrancar-me do chão; mesmo com asas curtas tentarei voar. Não admito que não tenho asas.”

Lauro de Oliveira Lima

RESUMO

Nos últimos anos, sob a influência dos avanços da ciência - da biologia e da psicologia, e das mudanças sociais causadas pela industrialização, urbanização acelerada e pelas duas grandes guerras, a organização do ensino passou por um movimento educacional renovador conhecido como Escola Nova. Este movimento (final do século XIX na Europa e 1920 - mais fortemente na década de 30 no Brasil) foi uma reação à educação tradicional alicerçada no silêncio e no imobilismo, no estudo de conteúdos descontextualizados e no descompasso entre a escola e a vida, serviu como base para propostas de ensino integrado, entre elas a Pedagogia de Projetos. O objetivo desse trabalho será compreender o hábito dos professores em trabalhar com projetos para que o ensino/aprendizagem torne-se eficiente e eficaz verificando o progresso da aprendizagem se está sendo satisfatório para o desenvolvimento dos alunos e professores. A metodologia de pesquisa será a bibliográfica.

Palavras-chaves: Projetos, Educação, Pedagogia de Projetos, Aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo I	
1. 1.OS PERCURSORES DE PROJETOS EM EDUCAÇÃO.....	10
1.1. Pestalozzi.....	10
1.2. Froebel.....	11
1.3. Ovide Decroly.....	14
1.4. John Dewey e a educação	16
1.5. Freinet	18
1.6. Montessori	21
1.6.1. O Sistema e os materiais	23
1.6.2. O Papel da concentração	24
1.6.3. A importância da livre escolha.....	25
1.6.4. O silêncio.....	25
1.6.5. O papel das mãos e dos pés.....	26
1.6.6. A linguagem Matemática.....	26
1.6.7. As ciências e as histórias.....	27
1.7. Paulo Freire.....	28
Capítulo II	31
2.NOS DIAS DE HOJE.....	31
2.1 Projetos didáticos.....	31
Capítulo III.....	33
3.ETAPAS DE UM PROJETO.....	33
Conclusão.....	34
Bibliografia.....	35

INTRODUÇÃO

Se temos como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos numa realidade plural, é necessário que passemos a considerar as questões e problemas enfrentados pelos homens e mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. O aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje, todos nós nos deparamos e, como tal, não podem ser desconsiderados pela escola. (Arroyo, 1994, p. 31).

São várias as modalidades de projetos educativos integrados, mas de um modo geral todas envolvem atitudes interdisciplinares, planejamento conjunto, participação ativa e compartilhada entre professores e professoras e seus alunos e alunas, bem como aspectos da realidade cotidiana de ambos. Dessa forma, todos são co-responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho e, principalmente, vislumbram a possibilidade de cada um, expor sua singularidade e encontrar um lugar para sua participação na aprendizagem.

Mas tudo isso teve um início bem distante que passaremos a analisar a partir deste momento.

Por isso se faz necessário que os projetos sejam elaborados de acordo com os Parâmetros Curriculares e que sejam planejados de forma a haver a interdisciplinaridade. Somente desta forma poderá haver maior aprendizagem.

Compreender o hábito dos professores ao trabalhar com projetos para que o ensino/aprendizagem torne-se eficiente e eficaz.

Problema de Pesquisa

Esta pesquisa focou como problema de pesquisa, a seguinte indagação: Como os projetos educacionais podem auxiliar o trabalho dos professores a fim de garantir a aprendizagem eficaz dos seus alunos?

Hipóteses

Um projeto bem elaborado, rico em atividades, fará com que haja mais união nos trabalhos dos professores e os resultados na aprendizagem serão mais produtivos.

Objetivos

1. Fazer com que os alunos tenham mais interesse pelas aulas, pelos estudos, para que sejam formados integralmente e obtenham maior sucesso em sua vida profissional.
2. Conseguir estabelecer maior união no trabalho pedagógico tendo os professores um mesmo objetivo.
3. Através do estudo dos precursores da educação, viabilizar um projeto para os dias de hoje.

Metodologia da pesquisa

Foi adotado como metodologia de pesquisa o estudo bibliográfico.

CAPÍTULO I – OS PRECURSORES DE PROJETO EM EDUCAÇÃO

PESTALOZZI

João Pestalozzi viveu de 1746 a 1827 na Suíça, influenciando a educação pública.

Leonardo e Gertrudes foi seu primeiro livro relatando uma aldeia na suíça com problemas sociais, problemas com pobreza, mesquinha e autocracia, porém, não foi considerado um trabalho educacional.

Minhas investigações sobre o curso da Natureza no desenvolvimento da raça humana (1792) foi seu livro mais erudito.

Considera o Lar a melhor instituição de ensino dando base na formação do indivíduo e a escola deveria se tornar um clã organizado, dando seqüência à educação. Na instituição Pestalozzi, os meninos e jovens conviviam com seus mestres durante o dia e dormiam em quartos comuns. Eram divididos em faixas etárias e tinham atividades durante todo o período. Não aceitava punição, recompensa e coerção. Problemas eram discutidos a noite. A Igreja controlava todas as escolas e não tinham como prioridade aprimorar o padrão de qualidade. Os professores não tinham habilitação, o povo era desprezado pelas classes sociais privilegiadas.

Considerava que a única maneira de melhorar a situação do povo era a prática pedagógica.

Para Pestalozzi, o desenvolvimento da criança aflora de dentro para fora, comparando os professores com jardineiros que cuidam das plantas, semeiam e seu desenvolvimento ocorre gradativamente. A mente é ativa.

Frederick Eby (1978, p.458) resume com rara clareza os princípios educacionais de Pestalozzi, relacionados a seguir:

“1) Pestalozzi tinha uma fé indomável e contagiante na educação como o meio supremo para o aperfeiçoamento individual e social. Seu entusiasmo obrigou reis e governantes a se interessarem pela educação das crianças do casebres. Democratizou a educação, proclamando ser o direito absoluto de toda criança ter plenamente desenvolvidos os poderes que Deus havia lhe dado.

2) Psicologizou a educação. Quando não havia ciência psicológica digna desse nome, e embora ele próprio tivesse apenas as mais vagas noções sobre a natureza da mente humana. Pestalozzi viu claramente que uma teoria e uma prática corretas de educação deviam ser baseadas numa tal ciência.

3) Foi o primeiro a tentar fundamentar a educação no desenvolvimento orgânico mais que na transmissão de idéias.

4) Pesquisou as Leis fundamentais do desenvolvimento.

5) A educação começa com a percepção de objetos concretos, o desempenho de ações concretas e experiência de respostas emocionais reais.

6) O desenvolvimento é uma aquisição gradativa de poder. Cada forma de instrução deve progredir de modo lento e gradativo.

7) A religião é mais profunda do que dogmas, ou credos, ou a memorização do catecismo ou das Escrituras. Pestalozzi exigia que os sentimentos religiosos fossem despertados antes que palavras ou símbolos viessem a ser levados à criança.

8) Vários recursos metodológicos novos devem sua origem a Pestalozzi. Empregava as letras do alfabeto presas a cartões e introduziu lousas e lápis. A inovação mais importante foi a da instrução simultânea, ou em classe. Isso não era novo, mas não havia sido posto em prática de modo generalizado.

9) Pestalozzi revolucionou a disciplina, baseando-a na boa vontade recíproca e na cooperação entre aluno e professor.

10) Deu novo impulso à formação de professores e ao estudo da educação como uma ciência.”

1.2 – Froebel

Froebel, que viveu na Prússia, de 1782 a 1852, é figura de destaque no cenário educacional dos tempos modernos. Compreendido por muitos, que o consideravam um inspirado, também por muitos foi condenado. Houve, ainda, aqueles que o consideravam um perigoso revolucionário.

Também há aqueles que julgam que os seus princípios se relacionam somente com a educação e que o situam apenas como o fundador dos jardins de

infância. Segundo Frederick Eby (1976) “Froebel é considerado hoje o reformador educacional mais completo do século XIX.”

Depois de trabalhar com Pestalozzi, em 1837 Froebel abriu o primeiro jardim de infância. Dedicou sua vida à fundação de jardins de infância, à formação de professores e à elaboração de métodos e equipamentos para tais instituições. Os ideais de Froebel foram considerados politicamente radicais e, durante alguns anos, foram banidos da Prússia.

Embora influenciado por Pestalozzi, Froebel foi totalmente independente e crítico, formalizando os seus princípios educacionais. Na sua obra *A educação do homem* (1826) Froebel afirma que “a educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana autoconsciente, com todos os seus poderes funcionando completa e harmoniosamente, em relação à natureza e à sociedade. Além do mais, era o mesmo processo pelo qual a humanidade, como um todo, originariamente se elevava acima do plano animal e continuava a se desenvolver até sua condição atual. Implica tanto a evolução individual quanto a universal”.

A doutrina da unidade ou “parte-todo” foi a mais elaborada por Froebel. Cada objeto do Universo é parte de algo mais geral e é também uma unidade, se for considerado em relação a si mesmo. A atividade produtiva exige a integração da memória, da percepção, do raciocínio, da vontade com os nervos, músculos e órgãos sensoriais.

No campo das relações humanas, o indivíduo é, para Froebel, uma unidade, quando considerado em si mesmo, mas mantém relações com um todo maior, isto é, incorpora-se a outros homens para a consecução de certos objetos.

Froebel foi um defensor do desenvolvimento genético. Destacava a graduação e a continuidade do desenvolvimento, bem como a unidade das fases do crescimento.

Para ele, o desenvolvimento ocorre segundo as seguintes fases: a infância, a meninice, a puberdade, a mocidade e a maturidade, todas igualmente importantes.

A infância é o período em que a criança deve ser protegida pelos pais, pois ela é dependente. As atividades motoras e os sentidos são preponderantes nesse momento de vida.

Em 1837, surge o Kindergarten (Jardim de Infância), onde as crianças eram consideradas plantinhas de um jardim, cujo jardineiro seria o professor. A criança se expressaria através das atividades de percepção sensorial, da linguagem e do brinquedo. A linguagem oral se associaria a natureza e a vida.

Froebel foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo, a atividade lúdica; o desenho e as atividades que envolvem o movimento e os ritmos eram muito importantes. Para a criança se conhecer, o primeiro passo seria chamar a atenção para os membros de seu próprio corpo, para depois chegar aos movimentos das partes do corpo.

Os materiais específicos – os blocos de construção – eram usados pelas crianças nas suas atividades criadoras. Também eram utilizados papel, papelão, argila e serragem.

Froebel idealizou recursos sistematizados para as crianças se expressarem. Chamou-os de “dons”, porque Deus os oferecia para que as necessidades infantis fossem desenvolvidas. Os “dons” eram os bolões, os cubos e os cilindros. Os blocos eram utilizados meticulosamente – as crianças nem podiam utilizá-los espontaneamente. As atividades já eram muito mais livres.

No período da meninice – dos seis ou sete anos aos nove ou dez anos – a instrução e a preparação para firmeza de vontade eram valorizadas. Havia variedade nas atividades construtivas. Cada menino cultivava seu próprio jardim, passando para atividades comunitárias com dois ou mais meninos.

Nesta fase, os brinquedos adquirem características mais intencionais, contribuindo para a formação das qualidades morais. As histórias, os mitos, as lendas, os contos de fadas e as fábulas eram valorizadas por Froebel. Enquanto os brinquedos físicos davam força e poder ao corpo, as histórias desenvolviam os poderes da mente. As excursões a montanhas e vales eram semanais, na escola de Froebel. Para ele a natureza é uma poderosa auxiliar para o menino compreender a si mesmo e aos outros.

Valorizando a família tanto quanto Pestalozzi, Froebel estendeu a função familiar aos planos biológicos, social, religioso e educacional.

Foi o primeiro educador que captou o significado da família nas relações humanas.

Observador da forma de reagir das crianças constatou que elas se valiam de símbolos para brincar. Por exemplo: um tanquinho de madeira podia ser

determinado animal, ou uma boneca. Por isso, Froebel sentia especial atração pelo simbolismo.

1.3- Ovide Decroly

O educador belga Ovide Decroly nasceu em 1871 e morreu em 1932. O valor da obra de Decroly está no destaque que emprestou às condições do desenvolvimento infantil; a educação, segundo ele, não se constitui na preparação para a vida adulta; a criança deve viver os seus anos jovens. Bem como resolver as dificuldades compatíveis ao seu momento.

As crianças, de acordo com Decroly, não deviam ser tratadas segundo os princípios das instituições habituais, que só focalizam o ensino sob o ângulo da formação intelectual. Nas suas escolas, em vez das carteiras separadas, desde a classe dos pequenos, viam-se os alunos no campo semeando legumes, conforme a estação do ano. Notava-se uma intensa atividade, janelas abertas ao sol, com material e mobiliário se renovando no seu uso. Sobre as mesas, plantas colhidas e fresquinhas, mapas geográficos com a caracterização das respectivas regiões.

O método de Decroly, mais conhecido pelos centros de interesse, destinava-se, especialmente, aos alunos das classes primárias; os conhecimentos e interesses infantis apresentam-se associados. Segundo Ângela Médici, (1961) referindo-se a Decroly, o maior defeito dos programas é que eles se inspiram em mestres sábios em suas especialidades, mas incompetentes em matéria de psicologia infantil. Considerando que era fundamental dar a todas as crianças uma cultura geral idêntica, eles não se perguntaram se, dessa forma, seria conveniente às crianças.

Decroly não deixou de lado nada que a escola deve ensinar às crianças, simplesmente, transformou a maneira de aprender e ensinar, ajustando-a a psicologia da criança.

Os centros de interesse aplicam-se às diferentes idades: dos três aos seis anos, no jardim, os centros surgiam do contato com o meio. De acordo com Lourenço Filho, o programa de Decroly apresentava idéias associadas: conhecimento, pela criança, de suas necessidades de alimentar-se, de lutar contra intempéries, de defender-se contra perigos e acidentes diversos, de agir e de

trabalhar solidariamente, de ter alegria de espírito. O conhecimento do meio viria para satisfazer as necessidades apontadas acima.

Nos centros de interesse, a criança passava por três momentos: o da observação, o da associação e o da expressão.

A seriação de elementos não era obrigatória. De algo simples para a criança, como comer, poderia surgir o estudo da alimentação, a origem e classificação dos alimentos, os preços, quem os produz e onde, como são preparados. E, de acordo com a curiosidade e infantil e o desenvolvimento dos alunos, surgirão noções de geografia, ciências, história, higiene, cálculo, redação, desenho. Diante dessa riqueza de possibilidades exploratórias, a duração dos centros de interesse é muito flexível, podendo estender-se durante meses.

No fim de um dia de trabalho com a pedagogia de Decroly, lembra-nos Médici, observam-se grandes cadernos dispostos em cada classe sobre pranchetas. Cada aluno coloca o seu trabalho pessoal, documentando e organizando metodicamente as suas observações. Três atividades são aprofundadas, envolvendo a observação, a associação e a expressão.

Para Decroly, a sala de aula está em toda a parte, na cozinha, no jardim, no museu, no campo, na oficina, na fazenda, na loja, na excursão nas viagens.

A observação não ocorre em uma lição, em um momento particular da técnica educativa, mas deve ser considerada como uma atitude, chamando a atenção do aluno constantemente.

A associação possibilita que o conhecimento adquirido por meio da observação seja compreendido em termos de tempo e de espaço.

A expressão possibilitaria ao educando externar aquilo que aprendeu, através da linguagem gráfica ou outra qualquer integrando, assim, os diversos conhecimentos adquiridos.

Decroly sempre se negou a escrever uma obra fundamental que retratasse as suas idéias educacionais: não considerava concluída a sua concepção educacional; receava também que, publicando as suas técnicas, elas se cristalizassem; antes de se preocupar com formulas rígidas, procurava apresentar princípios.

Decroly pronunciou varias conferencias, que foram resumidas num folheto, escrito em colaboração com Gerardo Boon.

Na introdução deste trabalho, Decroly apresenta questões que são ainda atuais nos nossos dias e que nos são apresentadas por Lourenço Filho, “Poderemos transformar, de vez, todas as escolas, como seria de desejar-se? E devemos, diante dessa impossibilidade, cruzar os braços? Nada haverá a fazer que seja imediatamente realizável?”

E a resposta de Decroly é positiva, chegando a propor medidas para que isso ocorra, como: classificação prévia dos alunos, formação de classes homogêneas, diminuição do efetivo das classes; modificação dos programas, distribuindo os assuntos de maneira diversa, partindo da própria criança, seus interesses e necessidades.

1.4 - John Dewey e a Educação

John Dewey nasceu em 1859 nos Estados Unidos. Iniciou sua vida profissional como professor de Filosofia na Universidade de Michigan. Em 1894, Dewey é nomeado diretor do Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago. Nesta universidade Dewey cria uma escola elementar experimental no Departamento de Pedagogia e começa a organizar um trabalho que lhe fornecerá a base para seus estudos posteriores como "Educação e Sociedade", publicado em 1899 e "Educação e Democracia", em 1916.

Dewey desenvolveu, ao longo de sua vida, uma filosofia da educação, até falecer em 1952.

O pensamento de Dewey é vasto e complexo. Para compreendê-lo é preciso observar sua concepção de pessoa, de razão, de desenvolvimento e suas concepções sobre educação, escola e conteúdos curriculares.

Dewey propôs uma teoria educacional que se caracteriza por suas origens naturalistas e sociais.

Influenciado por Rousseau, Pestalozzi e Froebel, Dewey entende que a educação deve fazer parte do desenvolvimento natural do ser humano, sendo necessário reconciliar-se os dualismos tradicionais entre a razão e o espírito, o psicológico e o social, o indivíduo e a sociedade, os fins e os meios, a teoria e a prática, o trabalho e o lazer, a atividade prática e a intelectual, o homem e a natureza.

Para Dewey, o desenvolvimento da pessoa passa pelo desenvolvimento da sociedade e vice-versa. O ser humano é um organismo em interação com o meio ambiente, não se podendo conceber a razão como entidade separada da natureza. Influenciado por G.H. Mead, Dewey acrescenta uma perspectiva social à Filosofia. Segundo ele, a razão individual é social, a natureza é social e a sociedade é natural.

A educação é, portanto, uma necessidade social. Os seres humanos necessitam ser educados para que se assegure a continuidade social. Sendo assim, a educação se constitui num processo natural e social que permite aos grupos humanos manter e transmitir suas crenças, idéias e conhecimentos.

A sociedade ideal que deve servir de base à educação é a sociedade democrática.

A escola sendo uma instituição social deve representar na vida, assim sendo, os conteúdos de ensino devem ser organizados de forma integrada a partir de uma organização lógica que se articule à vida. Os conteúdos, a partir dos interesses e necessidades dos alunos devem levá-los ao desenvolvimento de suas potencialidades e de suas responsabilidades em relação à sociedade. O currículo, assim pensado, partirá de situações ou problemas da vida comunitária. A escola deve estar voltada para os interesses dos alunos, apoiando-se em sua curiosidade natural.

Dewey valorizava diferentes ocupações sociais, ligando trabalho e vida escolar. O conceito de educação pelo trabalho está presente em sua obra, não como educação profissionalizante e sim, na visão de que é preciso conhecer o mundo do trabalho como sendo o ponto de partida para entender o homem na História.

Dewey valorizava bastante a educação científica. A concepção da Ciência servirá de modelo de metodologia educacional em todas as etapas do ensino.

Dewey distingue cinco etapas neste processo:

- Reconhecimento do problema.
- Definição e classificação do problema.
- Formulação de hipóteses.
- Escolha do plano de ação.
- Testagem das hipóteses.

Para ele, todo pensamento é pesquisa e nos leva à utilização do método científico.

Dewey valorizava bastante a comunicação e a expressão em várias formas de linguagem, observando o papel fundamentalmente social da língua como instrumento de pensamento e de expressão de idéias e sentimentos.

Dewey foi um educador progressista que criou as bases para o movimento da Escola Nova que teve grande repercussão no Brasil.

A obra mais conhecida de Dewey é "Educação e democracia", Editora Colín, Paris, 1990.

1.5 - Freinet

Célestin Freinet (1896-1966), crítico da escola tradicional e das escolas novas, Freinet foi criador, na França, do movimento da escola moderna. Seu objetivo básico era desenvolver uma escola popular.

Na sua concepção, a sociedade é plena de contradições que refletem os interesses antagônicos das classes sociais que nela existem, sendo que tais contradições penetram em todos os aspectos da vida social, inclusive na escola. Para ele, a relação direta do homem com o mundo físico e social é feita através do trabalho (atividade coletiva) e liberdade é aquilo que decidimos em conjunto.

Em suas concepções educacionais dirige pesadas críticas à escola tradicional, que considera inimiga do "tatear experimental", fechada, contrária à descoberta, ao interesse e ao prazer da criança.

Analisou de forma crítica o autoritarismo da escola tradicional, expresso nas regras rígidas da organização do trabalho, no conteúdo determinado de forma arbitrária, compartimentados e defasados em relação à realidade social e ao progresso das ciências.

Era contra o autoritarismo sob qualquer aspecto, sendo contrário à avaliação quantitativa e à imposição de castigos e sanções. Isso não significa que, de acordo com a corrente pedagógica que criou, não deva haver ordem e disciplina em sala de aula. Ao contrário, o respeito mútuo entre professor e aluno é fundamental.

Mas, criticam também as propostas da Escola Nova, particularmente Decroly e Montessori, questionando seus métodos, pela definição de materiais, locais e condições especiais para a realização do trabalho pedagógico.

Para Freinet as mudanças necessárias e profundas na educação deveriam ser feitas pela base, ou seja, pelos próprios professores.

O movimento pedagógico fundado por ele caracteriza-se por sua dimensão social, evidenciada pela defesa de uma escola centrada na criança, que é vista não como um indivíduo isolado, mas, fazendo parte de uma comunidade.

Atribui grande ênfase ao trabalho: as atividades manuais têm tanta importância quanto às intelectuais, a disciplina e a autoridade resultam do trabalho organizado. Questiona as tarefas escolares (repetitivas e enfadonhas) opostas aos jogos (atividades lúdicas, recreio), apontando como essa dualidade presente na escola, reproduz a dicotomia trabalho/prazer, gerada pela sociedade capitalista industrial.

A escola por ele concebida é vista como elemento ativo de mudança social e é também popular por não marginalizar as crianças das classes menos favorecidas.

Propõe o trabalho/jogo como atividade fundamental.

Freinet elabora toda uma pedagogia, com técnicas construídas com base na experimentação e documentação, que dão à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação. "O desejo de conhecer mais e melhor nasceria de uma situação de trabalho concreta e problematizadora.

O trabalho de que trata aí não se limita ao manual, pois o trabalho é um todo, como o homem é um todo. "Embora adaptado à criança, o trabalho deve ser uma atividade verdadeira e não um trabalho para brincar, assim como a organização escolar não deve ser uma caricatura da sociedade"

Dá grande importância à participação e integração entre famílias/comunidade e escola, defendendo o ponto de vista de que "se se respeita a palavra da criança, necessariamente haveria mudanças". Algumas técnicas da pedagogia de Freinet: o desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, a correspondência interescolar, o jornal, o livro da vida (diário e coletivo), o dicionário dos pequenos, o caderno circular para os professores, etc. Essas técnicas têm como objetivo favorecer o desenvolvimento dos métodos naturais da linguagem (desenho, escrita, gramática), da matemática, das ciências naturais e das ciências sociais. Porém, essas técnicas não são um fim em si mesmo, e sim, momentos de um processo de aprendizagem, que ao partir dos interesses mais profundos da criança, propicia as condições para o estabelecimento da apropriação do conhecimento.

Vemos que Freinet considera a aquisição do conhecimento como fundamental, mas, essa aquisição deve ser garantida de forma significativa. Sua proposta pedagógica mesclada entre teoria e prática, advém das suas observações das crianças, das práticas de trabalhos que realizou com elas, das reflexões teóricas elaboradas tendo como ponto de partida essa prática, que é constantemente recolocada em prática em diversas situações escolares.

Em sua proposta os instrumentos e os meios são importantes para propiciar participação e interesse, são mediadores para liberar e despertar o interesse para o trabalho. A experiência é a possibilidade para que a criança chegue ao conhecimento. Assim, criação, trabalho e experiência, por sua ação conjunta resultam em aprendizagem.

Freinet concebe a educação como um processo dinâmico que se modifica com o tempo e que está determinada pelas condições sociais. Desta maneira. É preciso, transformar a escola para adaptá-la à vida, para readaptá-la ao meio. Esta tarefa estaria nas mãos do professor, que obtém sucesso quando toma consciência de que a educação é uma necessidade, uma realidade. Ele acredita no poder transformador da educação. Por isso propõe uma pedagogia de busca e experiências que eduque profundamente. Proporciona à criança um papel ativo de acordo com seus interesses. O trabalho é algo que deve ser valorizado e praticado cotidianamente. A educação é uma preparação para a vida social e aí está uma das razões de advogar o trabalho cooperativo como via para transformar a sociedade e a natureza e a sociedade são os objetivos e também os conteúdos do ensino.

Podemos afirmar que Freinet é um dos pedagogos contemporâneos que mais contribuições oferecem àqueles que atualmente estão preocupados com a construção de uma escola ativa, dinâmica, historicamente inserida em um contexto social e cultural. Logicamente em termos de nossa realidade atual, podemos levantar questionamentos a algumas de suas concepções, tais como: uma visão otimista demais do poder de transformação exercido pela escola, a identificação da dimensão social aos fatores de classe, deixando de fora os aspectos discriminativos relativos a questões de cor e sexo, da proposta do professor ser o "escriba" dos alunos, quando as investigações mais atuais da psicolingüística nos levam para outra direção.

1.6 – Montessori

A educadora italiana Maria Montessori nasceu em 1870 e morreu em 1952. Doutorou-se em medicina pela Universidade de Roma. Aos 25 anos começou a dedicar-se às crianças anormais, na clínica daquela universidade. Na época, Séguin era muito conhecido pelas suas idéias relacionadas ao tratamento e à educação dos anormais. Montessori tomou as idéias de Séguin como ponto de partida para o seu próprio trabalho. Fez viagens de estudo à França e Inglaterra. Regressando à Itália, dedicou-se à formação de professores para a educação de anormais. Observadora dos defeitos das escolas comuns começou a experimentar em crianças de evolução regular os procedimentos utilizados na educação dos anormais.

O movimento da educação nova, na Itália, começou com a Dra. Maria Montessori e suas *Casas das Crianças*. Estas não visavam à instrução somente, mas eram locais de educação e de vida; realizavam, enfim, a educação completa da criança. A primeira Casa dei Bambini, como era chamada na Itália, foi fundada em Roma, em 1907.

O método Montessori foi, segundo Luzuriaga, (1968; p.242) “um dos primeiros métodos ativos quanto à criação e aplicação.”. Seu principal fulcro são as atividades motoras e sensoriais visando, especialmente, à educação pré-escolar, apesar de sua autora tê-lo estendido também à segunda infância.

Mesmo considerando que o método Montessori surgiu da educação de crianças anormais, ele é bastante difundido, no mundo, na educação de crianças normais. É um método de trabalho individual, embora tenha também um caráter social, uma vez que crianças, em conjunto, devem colaborar para o ambiente escolar. O seu material é voltado à estimulação sensorial e intelectual.

Frederick Eby (1973, p.414-415) lembra que “A 1ª Guerra Mundial diminuiu o ardor pelo sistema de jardim de infância e por todas as coisas alemãs. Paralelo a este acontecimento, surgiu à técnica admirável da Dra. Maria Montessori.”

É importante que se situe o movimento das Escolas Novas em oposição aos métodos tradicionais, que não respeitavam as necessidades e a evolução do desenvolvimento infantil.

De acordo com Ângela Médici, (1961) o movimento das Escolas Novas, após a guerra de 1914, teve representantes em diversos países do mundo. Entre a

guerra de 1914 e a segunda Guerra Mundial, encontram-se dois períodos, o inicial e mais intransigente, e um segundo, mais flexível e adaptado à crise mundial que precedeu a nova guerra.

Os princípios da nova pedagogia inspiraram verdadeiras reformas educacionais. Em 1946 ocorreu, em Paris, o 1º *Congresso da Educação Nova*. Os trabalhos apresentados refletiam acerca das realizações já conquistadas, bem como destacavam os aspectos que ainda não deveriam ser conseguidos. Neste contexto da Escola Nova, Maria Montessori ocupa o papel de destaque pelas novas técnicas introduzidas nos jardins de infância e nas primeiras séries do ensino formal.

Seus jogos são atraentes e instrutivos; apesar da relevante contribuição da médica italiana, ela não é a pioneira exclusiva do movimento, mas uma importante parte dele.

Há mais de dois séculos, surgiram pioneiros preocupados com a liberação da criança, tentando inverter o ciclo vicioso vigente; em vez de o aluno girar em torno de uma instrução arbitrária, a escola deveria girar em torno do aluno.

Foram os educadores-médicos, que se constituíram na expressão mais fiel dessa nova educação. São eles: Itard, Séguin, Montessori e Decroly. Eles reuniram as condições essenciais para que a reforma educacional ocorresse.

Da educação terapêutica partiram para a educação de crianças normais: seus métodos consideravam as fases de desenvolvimento infantil e as diferenças individuais, preocupando-se com o corpo e o espírito do aluno e o seu processo de adaptação à vida, através do envolvimento interior que buscou de cada indivíduo diante do processo educativo, pelos meios minuciosamente elaborados da sua proposta e sua relação dinâmica com o meio.

Foi Ovide Decroly quem realizou as suas concepções educacionais de maneira mais perfeita e conveniente. “Ele é a grande figura pedagógica de nossa época.”

Na obra desse médico-educacional percebe-se, com clareza, a preocupação em conhecer a criança, senti-la nos vários aspectos de sua personalidade, atender às diferenças individuais de modo que o educando se liberte interiormente e, livremente, se adapte à vida social. E a educação possibilitaria ao indivíduo ter suas necessidades satisfeitas; ao educador, caberia criar as condições para que o educando atingisse essas metas. O trabalho e o jogo, as atividades

prazerosas, a formação artística, uma sociabilidade mais intensa colaboravam para desenvolver a personalidade integral.

Lourenço Filho (1978) destaca que a concepção educacional de Montessori “é de crescimento, mais do que de ajustamento ou integração social”. A ênfase de Montessori volta-se mais para ser biológico do que para social. Considerando que a vida é desenvolvimento, Montessori achava que à educação cabia favorecer esse desenvolvimento. E a liberdade como condição de expansão da vida constituía-se num princípio básico. Essa concepção influenciava do ambiente escolar; sem carteiras presas e sem prêmios e castigos, a criança deveria manifestar-se espontaneamente; o bem não poderia ser concebido como ficar imóvel, nem o mal como ficar ativo. A atividade e a individualidade formavam, juntamente com a liberdade, os princípios básicos do sistema Montessori.

O espírito da criança, para a educadora italiana, se formaria mediante os estímulos externos que precisavam ser determinados, ou seja, a criança é livre apenas na escolha dos objetos sobre o qual possa agir. Esses objetos são preestabelecidos, sempre os mesmos, típicos para cada gênero de atividade. Daí o conjunto de jogos, ou material que criou para os jardins de infância, e suas lições materializadas para o ensino primário.

1.6.1 O Sistema e os materiais

O material montessoriano pressupõe análise pela criança de alguma de suas qualidades: cor, forma, peso, tamanho. Não se trata de uma psicologia dos elementos, mas na apreensão de qualidades gerais válidas. Constitui-se de sólidos duráveis, que possibilitam movimentos e o crescimento interior da criança.

Apresenta dez blocos, iguais em seu aspecto, incluindo a cor, mas que, gradualmente, diminuem de tamanho (de 10 a 1 cm). As crianças encontravam variações para trabalhar com peças, adquirindo o senso de equilíbrio e da força da gravidade.

Os prismas, em número de dez, são pintados de uma só cor e diferenciam-se pela espessura, que aumenta ou diminui gradualmente. A criança arruma os prismas, um em relação ao outro e, à medida que repete o exercício, vai percebendo as diferenças.

Barras vermelhas: a mais longa tem um metro e as seguintes diminuem de dez em dez centímetros. Este material possibilita a comparação das diferenças existentes.

Os cilindros variam no diâmetro e são encaixáveis, todos têm a mesma altura. Em outra série, o diâmetro é mantido e a altura varia. Há ainda, os cilindros que variam na altura e no diâmetro. A variação dos cilindros é, em outra série, tridimensional, sendo que o diâmetro destes aumenta inversamente à altura.

Os atributos, nestes exercícios, variam na quantidade, chamando atenção da criança. A partir dos materiais, Montessori varia as lições, após ter experimentado o material, havia a demonstração das identidades e contrastes existentes.

A idade é uma variável importante. A criança vai tornando a atividade mais complexa à medida que trabalha sobre determinado material.

Há matrizes de madeira com peças coloridas que se encaixam; o centro das peças é sobressalente, facilitando a atividade da criança. O que chama a atenção da criança é a cor. Os materiais são tão diferenciados que se torna quase impossível, num trabalho desta natureza, arrolá-los todos. Há quadriláteros, círculos, triângulos, polígonos e outras figuras; a criança mistura as peças e sente-lhes a forma, passando os dedos sobre as mesmas; a visão, o tato e a audição são exercitados mediante materiais variados; o mesmo ocorre com o desenvolvimento da gustação e do olfato.

Os materiais não roubam à criança a possibilidade de conhecer o mundo; pelo contrário, abrem-no na sua ordenação essencial.

1.6.2 O papel e a concentração

Em uma escola montessoriana, o desenvolvimento da mente não é algo que se force. Supõe na criança um impulso interior que se manifesta no trabalho espontâneo no intelecto. A função do material é estimular e desenvolver este impulso. A concentração também é muito trabalhada. Toda tarefa é precedida. Toda tarefa é precedida de uma preparação. O trabalho se desenvolve e o seu ciclo se completa no íntimo do sujeito.

Quando a educadora italiana se refere aos efeitos dos exercícios com os materiais: a criança “tem que construir sua vida interior, e ela utiliza desde o

primeiro dia o mais maravilhoso dos instrumentos com que Deus dotou o homem: a inteligência”. Para Montessori só há uma forma de ensinar: despertar o mais profundo interesse do aluno e, com ele, sua atenção mais viva e constante; fortalecer o interior da criança visando à sua educação.

Essa concentração em si mesma assegura também a relação com a vida da comunidade. Ao completar o trabalho, a criança solta, satisfeita com a sua concentração, e se comunica com os seus semelhantes, num processo socializador.

1.6.3 A importância da livre escolha

A livre escolha do trabalho ou exercício pela criança, na escola montessoriana, é fundamental para que haja concentração e para que a atividade seja formadora e imaginativa. Esta escolha se dá sem desordem. É a base da ordem e da disciplina. Numa classe montessoriana reina um relativo silêncio. Isto não significa que o aluno possa fazer o que quer ou que não possa se comunicar.

O objetivo de Maria Montessori, ao introduzir a livre escolha da atividade, é a “formação da criança mediante a polarização de sua atenção sobre um objeto para o qual se dirige espontaneamente”.

1.6.4 O Silêncio

O silêncio tem uma enorme importância na escola montessoriana. Os efeitos do ruído são muito perniciosos. A ação coletiva estimula a disciplina imposta, de fora, e tem como consequência a apatia dos sentidos e o alarido das crianças. A criança fala quando seu trabalho exige. A professora pode, de vez em quando, organizar um jogo de perguntas e respostas. O trabalho desenvolve-se em pequenos grupos, ou individualmente. O professor não precisa falar tão alto.

Montessori denomina a idade compreendida entre os três e os seis anos de “a idade do jogo e do desenvolvimento da imaginação”. A educadora apontou as grandes diferenças entre o trabalho de crianças pequenas e o de adultos. Trabalho é aquilo que a criança faz. O trabalho infantil tem a finalidade na própria atividade.

A imaginação é a faculdade que o homem tem de perceber imagens, as quais transformam e combinam, projetando-as de acordo com sua capacidade criadora.

1.6.5 O papel das mãos e dos pés

Montessori diz que a criança pequena reconhece grande quantidade de imagens no meio que a rodeia, e que a mente infantil é essencialmente. E, na nossa sociedade, as mãos ficam muito inativas.

O homem primitivo percebeu a utilidade do mundo também com as mãos. O escultor, o pintor, o músico valem-se muito das mãos transformam o campo agreste em fértil ou em bonitos jardins.

A não-utilização intensa das mãos traz prejuízos à pessoa e à cultura de um modo geral. A criança conquista o mundo com suas mãos. Os exercícios sensoriais não se limitam aos sentidos; eles destacam muito o papel exercido pelas mãos, dando oportunidade à criança de manipular as coisas. A coordenação se desenvolve com o movimento.

O desenvolvimento dos pés e o equilíbrio são posteriores e igualmente importantes. Os pés levam o homem a múltiplos caminhos. A criança é exploradora e investigadora. Andar faz-lhe muito bem.

O equilíbrio é trabalhado com simplicidade, na escola montessoriana. Um eclipse grande é representado no chão e muitos exercícios feitos sobre a linha, aproveitando todas as possibilidades do corpo infantil e permitindo também um trabalho mental.

1.6.6 A linguagem matemática

A formação lingüística e a do espírito matemático fazem parte do núcleo da formação escolar, embora, por ser um ser humano, a linguagem seja a própria essência do homem.

Nas escolas montessorianas há uma relação espontânea entre as crianças e o educador, e a comunicação surge naturalmente. As crianças conhecem as letras e são iniciadas na análise das palavras e letras. Quando a mão

está exercitada e se reconhecem as letras, a criança pode escrever palavras e orações inteiras. Não se deve pedir á criança pequena que leia; esta aprendizagem não deve interferir na da escrita.

A mente humana, para Montessori, é uma mente matemática. Os materiais montessorianos permitem que a criança conheça as formas básicas, da mesma maneira que possibilitam o estabelecimento de relações de graduação e de proporções; possibilitam comparações do tipo leve-pesado, comprido-curto; despertam o gosto pela exatidão; ao manejar as peças geométricas (círculo, quadrado, retângulo, polígono), que são encaixadas nas matrizes de madeira, estará sendo favorecida a aprendizagem da matemática.

Os materiais induzem a criança a contar e a calcular. As barras coloridas permitem ao aluno compor séries numéricas. O aluno conta de 1 a 10, associando quantidades às barrinhas correspondentes. O aluno é introduzido no sistema decimal.

1.6.7 A ciências e as histórias

As ciências merecem um papel de destaque, não só porque a relação da criança com a natureza é muito importante, mas também pela concepção global da educação defendida por Montessori.

O estudo da história deve ser vinculado à evolução global da Terra. A criança deve ir percebendo gradativamente as manifestações do homem; na natureza e na cultura, tudo está relacionado.

Muitas têm sido as críticas ao sistema montessoriano, entre elas o fato de não favorecer o contato e a discussão de problemas da realidade vivida pela criança. A introspecção e a concentração favorecidas pela pedagogia montessoriana é vista por muitos educadores como fatores que dificultam o processo de socialização infantil. O silêncio cultivado destoaria, dadas as próprias características da sociedade urbano-industrial em muitas das nossas cidades.

Somente um estudo profundo da pedagogia montessoriana e as observações de sua prática com crianças pequenas e mais velhas nos possibilitarão concluir sobre a sua validade, para os tempos de hoje.

1.7 Método Paulo Freire

Não estamos tratando aqui de uma mera técnica de alfabetização, e sim, de um método coerente com o posicionamento teórico filosófico. Para a alfabetização é necessária a conscientização.

Somente um método que privilegiasse a ação e o diálogo seria capaz de ser coerente com os princípios que já vimos anteriormente. Seria preciso a modificação do conteúdo programático, e mesmo a modificação da forma pelo qual o mesmo é determinado.

O diálogo é então a base do método de Freire

Mas, o que é o diálogo e qual diálogo? Qualquer diálogo?

O diálogo é uma relação de comunicação de intercomunicação, que gera a crítica e a problematização já que ambos os parceiros podem perguntar: "por quê?".

Quem dialoga, dialoga com alguém e sobre algo.

O conteúdo do diálogo é justamente o conteúdo programático da educação.

E já na busca desse conteúdo o diálogo deve estar presente. Analisando o diálogo, Paulo Freire constata a necessidade de analisar a *palavra* como mais do que um meio para que o diálogo se efetue.

Há duas dimensões constitutivas da palavra: ação e reflexão. A palavra verdadeira é práxis transformadora. Sem a dimensão da ação perde-se a reflexão e a palavra transformam-se em verbalismo, ou verborragia. Por outro lado, a ação sem a reflexão transforma-se em ativismo, que também nega o diálogo. O *educador bancário* define o conteúdo antes mesmo do primeiro contato com os educandos.

Para o educador libertador, esse conteúdo é a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao educando daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. Esse conteúdo deve ser buscado na cultura do educando e na consciência que ele tenha da mesma. O momento da busca do conteúdo programático dá início ao processo de diálogo em que se produz a educação libertadora. Essa busca deve investigar o *universo temático* dos educandos ou o conjunto dos temas geradores permite que se obtenha a consciência dos indivíduos sobre esses temas; a participação na investigação do seu próprio universo temático leva o educando a admirar este universo, e, essa

admiração possibilita a capacidade de criticá-lo e transformá-lo. Mesmo tratando-se de um método para adultos analfabetos não é difícil para os educadores mais conscientes, perceberem a importância da utilização do universo temático para as crianças, por exemplo. A uniformidade das cartilhas impossibilita a aplicação dos princípios formulados por ele.

Em seu livro *Educação como Prática da Liberdade*, Freire propõe a execução prática do Método em cinco fases, a saber:

1ª fase: Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará. Essa fase se constitui num importante momento de pesquisa e conhecimento do grupo, aproximando educador e educando numa relação mais informal e, portanto mais carregada de sentimentos e emoções. É igualmente importante a anotação das palavras da linguagem dos componentes do grupo, dos seus falares típicos.

2ª fase: Escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado. Esta escolha deverá ser feita sob os critérios:

- a) da sua riqueza fonética;
- b) das dificuldades fonéticas, numa seqüência gradativa das menores para as maiores dificuldades;
- c) do teor pragmático da palavra, ou seja, na pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política etc.

3ª fase: Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas e carregadas dos elementos que serão decodificados pelo grupo com a mediação do educador. São situações locais que, discutidas, abrem perspectivas para a análise de problemas locais, regionais e nacionais.

4ª fase: Elaboração de fichas-roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho. São fichas que deverão servir como subsídios, mas sem uma rescrição rígida para seguir.

5ª fase: Elaboração de fichas para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores. Esse material poderá ser confeccionado na forma de slides, stripp-filmes (fotograma) ou cartazes.

É um método simples, mas revolucionário, pois dá palavras ao mundo para muitos, permitindo indivíduos se tornarem cidadãos plenos, letrados e alfabetizados politicamente.

Educar é um ato de transformar, pois o conhecimento só é útil quando nos torna melhores.

Levantamento do universo vocabular dos grupos, para a escolha das palavras geradoras.

Organização dos círculos de cultura, formados por pequenos grupos, sob a coordenação de uma pessoa, que não precisa necessariamente ser um professor.

A representação de uma das palavras, já que estas pertencem ao universo vocabular dos educandos, aliada a sua experiência de vida, gerará temas correlatos, descobrindo-a como suma situação problemática.

Reúne-se todo o material possível para ampliar a consciência e experiência dos educandos

Passa-se à visualização da palavra e ao processo de decodificação em unidades menores, para reconstituí-la posteriormente. "O método de Freire não pode ser avaliado pela quantidade de conteúdos sobre os quais os educandos são capazes de dissertar, ou pelo menor tempo em que conseguem encher-se de dados sobre a realidade. A qualidade do processo educacional para Freire deve medir-se sim pelo potencial, adquirido pelos educandos, de transformação do mundo".

Como já o dissemos apesar do reconhecimento de seu trabalho, Paulo Freire, como todo polemizador, em sido também bastante criticado. Em relação a uma parte mais prática de suas concepções educacionais, é criticado pelo espontaneísmo, não diretividade, supervalorização da contribuição do educando, dificuldades do diálogo proposto nestes moldes, quando o educador não é um companheiro alfabetizado e sim um professor, com formação específica, dada a grande diferença entre eles; valorizar demais a possibilidade de transformação da realidade através da educação.

"Ensinando se aprende, aprendendo se ensina". (FREIRE, 1996, p.25).

CAPÍTULO II - NOS DIAS DE HOJE

2.1 Projetos Didáticos

Reorganizar o currículo por projetos, em vez das tradicionais disciplinas. Essa é a principal proposta do educador espanhol Fernando Hernández. Ele se baseia nas idéias de John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano que defendia a relação da vida com a sociedade, dos meios com os fins e da teoria com a prática, como vimos anteriormente.

Hernández põe em xeque a forma atual de ensinar. "Comecei a me questionar em 1982, quando uma colega me apresentou a um grupo de docentes", lembra. "Eles não sabiam se os alunos estavam de fato aprendendo. Trabalhei durante cinco anos com os colegas e, para responder a essa inquietação, descobrimos que o melhor jeito é organizar o currículo por projetos didáticos."

O modelo propõe que o docente abandone o papel de "transmissor de conteúdos" para se transformar num pesquisador. O aluno, por sua vez, passa de receptor passivo a sujeito do processo.

É importante entender que não há um método a seguir, mas uma série de condições a respeitar. O primeiro passo é determinar um assunto — a escolha pode ser feita partindo de uma sugestão do mestre ou da garotada. "Todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto", diz Hernández (1998).

Por isso, Hernández (1998 p.238), alerta que não basta o tema ser "do gosto" dos alunos. Se não despertar a curiosidade por novos conhecimentos, nada feito. "Se fosse esse o caso, ligaríamos a televisão num canal de desenhos animados", explica. Por isso, uma etapa importante é a de levantamento de dúvidas e definição de objetivos de aprendizagem. O projeto avança à medida que as perguntas são respondidas e o ideal é fazer anotações para comparar erros e acertos — isso vale para alunos e professores porque facilita a tomada de decisões. Todo o trabalho deve estar alicerçado nos conteúdos pré-definidos pela escola e pode (ou não) ser interdisciplinar. Antes, defina os problemas a resolver. Depois, escolha a(s) disciplina(s). Nunca o inverso.

A conclusão pode ser uma exposição, um relatório ou qualquer outra forma de expressão. É preciso tomar cuidado porque nada acontece por acaso. "O tratamento didático é essencial ao longo do processo".

É importante ainda frisar que há muitas maneiras de garantir a aprendizagem. Os projetos são apenas uma delas. "É bom e é necessário que os estudantes tenham aulas expositivas, participem de seminários, trabalhem em grupos e individualmente, ou seja, estudem em diferentes situações", explica Hernández.

Para ele a organização do currículo deve ser feita por projetos de trabalho, com atuação conjunta de alunos e professores. As diferentes fases e atividades que compõem um projeto ajudam os estudantes a desenvolver a consciência sobre o próprio processo de aprendizagem, porém todo projeto precisa estar relacionado aos conteúdos para não perder o foco. Além disso, é fundamental estabelecer limites e metas para a conclusão dos trabalhos.

"Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha".
"Não posso ensinar o que não sei." (FREIRE, 1996, p.95)

CAPÍTULO III - ETAPAS DE UM PROJETO

Inicia-se a temática a ser estudada e princípios norteadores.

Elaborar as etapas, divisão das pessoas em grupos, verificar os principais temas, formalizar um cronograma de trabalho.

Analisar periodicamente os resultados obtidos nas investigações, verificando os conhecimentos construídos. É essencial que se crie critérios de avaliação, reavaliando cada etapa do projeto. Manter um cronograma é primordial.

Realizar medidas de melhorias. Será necessária uma produção final para a exposição, um livro, uma exposição, uma cena de teatro, dando visibilidade ao projeto educativo, facilitando demonstrar todo o processo vivenciado no projeto.

Organizando dessa maneira, as informações irão construindo uma rede, envolvendo os alunos e alunas para seus interesses, legitimando a função social da escola.

Procuramos dessa maneira, validar a conhecimento aprendido, transformando os alunos em cidadãos, melhorando a qualidade de vida das pessoas, compartilhando os espaços e serviços comuns.

Somente o conhecimento transforma o aluno e fará com que tenha uma análise melhorada, dando-lhe a possibilidade de ter consciência da sua cidadania. O exercício da tomada de decisões tanto individual como coletiva transforma o aluno.

O professor tem o papel de pesquisador, conduzindo os alunos a realidade da observação, percepção, análise, sempre de maneira crítica e construtiva.

Responsabilidade social e interação fazem parte do objetivo do professor em relação aos seus alunos.

Implementar e implantar medidas de melhorias no decorrer do projeto.

O professor é comprometido com novos paradigmas que orientem o pensar pedagógico. Deve sempre interagir com seus alunos.

CONCLUSÃO

Analisando detalhadamente cada educador/pesquisador percebemos que os projetos são resultado da evolução da aplicação dos métodos e das suas teorias até chegarmos aos nossos dias.

É importante ressaltar que não há um método ou uma fórmula pronta para se desenvolver projetos, mas sim uma concepção diferenciada do/a professor/a em relação ao ensinar e aprender. Esta será sempre uma relação de troca e de construções sociais interativas, nas quais todos são importantes parceiros.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L.. História da educação. São Paulo: Moderna, 1989.

ARROYO, Miguel. Escola plural. Proposta pedagógica Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte: SMED, 1994.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IBEM, Instituto Brasileiro de Educação Moral, disponível em http://www.educacaomoral.org.br/educadores_05.htm acesso em 07 de Agosto de 2012.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado Nicolau. A Educação Pré Escolar. 5ªed. S. Paulo, Editora Ática, 1989.

PESTALOZZI, João. Pestalozzi e os fundamentos psicológicos da educação disponível em <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per04.htm> acesso em 07 de Agosto de 2012.

PILLAR, A.D., A Universidade, a arte e as paixões, disponível em www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=3 acesso em 07 de Agosto de 2012.

SANTOMÉ, Jurjo T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZABALA, Antoni. Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.